

Violações do direito à religiosidade na mídia e a omissão do Estado Brasileiro

Ricardo Ruiz e Ronaldo Eli

Ojuran - Observatório de Mídia e Religiosidade

<http://ojuran.wordpress.com>

Centro Cultural Coco de Umbigada



Agradecimentos à todos os Orixás, às Valorixás Lúcia de Oyá e Beth de Oxum, Ilê Axé Oyá T'ogun, Ilê Axé Oxum Karê e Adriano Belisário

O Brejo da Mãe de Deus

*Wòn ní èbó ni ó wáà rú
(Ele foi aconselhado a oferecer sacrifícios -
Ògúndá Méji)*

No dia 1º de julho de 2012, Flânio da Silva Macedo, de nove anos, desapareceu no caminho para o seu trabalho de carregador de frete, na feira no município de Brejo de Madre de Deus, no agreste Pernambucano. Dez dias depois, o corpo do garoto foi encontrado nu, amarrado, decapitado, e com sinais de violência sexual. O crime foi confessado por uma mulher que foi presa juntamente com outros três suspeitos. De acordo com a declaração do delegado Antônio Dutra, da Delegacia de Santa Cruz do Capibaribe, próximo ao corpo “foram encontrados vários apetrechos utilizados em despachos: bonecos de vodu, velas, ossos e garrafas de bebidas alcoólicas”¹.

¹ http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2012/07/11/interna_vidaurbana.384422/menino-de-nove-anos-pode-ter-sido-morto-em-ritual-de-magia-negra.shtml

A prisão desencadeou uma reação violenta da população, que invadiu e destruiu as casas dos suspeitos, além de expor e queimar objetos, incluindo tambores, fotografias, roupas e objetos decorativos. O tumulto, para ser contido, demandou a intervenção da Polícia Militar, com o envio de forças táticas especiais ao município. Inicialmente, foram invadidas as casas dos suspeitos, mas o boato de que o crime estava relacionado com as práticas litúrgicas das religiões de matriz africana levaram a uma caçada por qualquer um que pudesse estar relacionado à umbanda ou ao candomblé. Aparentemente, foram invadidas nove casas.

Embora os indícios determinem que o ritual realizado em nada se relacionava com as religiões de matriz africana, a imprensa, especialmente os pequenos veículos e os blogueiros locais, resolveu investir na hipótese. Os suspeitos presos foram denominados como “pais de santo”, e a ré confessa, como “mãe de santo”. Um suposto mandante, foragido, seria mais um “pai de santo” que teria encomendado a ação, intitulada na confissão como “ritual de retorno”. Objetos e fotos de rituais encontrados nas casas saqueadas foram exibidos na TV e na Internet como provas de “rituais satânicos”².

Em uma pesquisa sobre o crime na Internet, a maior parte dos textos corrobora com a associação entre o crime e a religião, porém demonstra pouca preocupação com os fatos do crime em si. As matérias divergem quanto ao papel de cada suspeito, à procedência deles e a ligação que eles supostamente teriam com a religião. Até mesmo a idade do garoto, muito fácil de verificar, varia de veículo para veículo: nas publicações analisadas

²<http://agresteviolento.blogspot.com.br/2012/07/localizadas-fotos-dos-acusados-em.html>

encontramos idades entre quatro e nove anos. A informação que mais diverge entre os materiais publicados é quanto ao valor pago para o assassinato: há quem diga que foram pagos quatrocentos reais pelo crime³; e há quem tenha publicado que o pagamento foi de seis mil reais⁴.

O fato é que, ao associar o crime a rituais de “magia negra” e depois identificar os suspeitos como “pais de santo”, a polícia, desastrosamente, deu vazão a uma corrida sensacionalista, onde diversos interesses se mesclaram para estimular a indignação e a revolta da população. De um lado, jornalistas mal informados e mal orientados, que atuam como representantes dos correspondentes locais das maiores redes de comunicação do país, controladas por um pequeno número de famílias com ligações de poder que se mantêm desde os tempos coloniais impondo padrões de comportamento, pensamento e também de religiosidade. De outro, curiosos que mantêm blogs, pequenos jornais ou programas de rádio e exercem o poder de comunicação no vácuo de canais sérios de informação no interior do país, buscando notoriedade e ganhos pessoais, e imprimem radicalmente seus valores e crenças - pessoais ou coletivas - no material que produzem. Assim, mesmo que posteriormente o próprio delegado tenha desmentido a ligação entre o crime e a religiosidade⁵, o estrago havia sido feito: outros interesses já determinavam a exploração do ódio religioso.

Esta pesquisa resultou em um dossiê de 69 páginas com textos e fotos sobre o caso publicados na Internet. A maioria deles

³<http://www.s1noticias.com/2012/07/crianca-de-5-anos-e-decapitada-em.html#axzz2AK08GjNq>

⁴<http://noticias.r7.com/cidades/noticias/suspeito-de-mandar-degolar-crianca-em-ritual-pagou-r-6-000-pelo-crime-20120713.html>

⁵agresteviolento.blogspot.com.br/2012/07/monstros-que-mataram-e-arrancam.html

somente repete informações veiculadas em sites de notícias maiores, exceto alguns pequenos sites da região, com “informações” colhidas *in loco*. Estes chamam à atenção pela crueza da “cobertura”. As fotos do cadáver decapitado e sua cabeça separada do corpo são repetidas muitas vezes, bem como montagens que colocam placas no peito de cada um dos presos, chamando-os de “pais de santo”⁶, levando a crer que se tratava de uma informação fornecida pela polícia. Objetos recolhidos nos saques realizados durante a revolta popular são sistematicamente catalogados e exibidos, inclusive fotos de rituais que supostamente seriam de candomblé ou de umbanda, como forma de comprovar que se tratavam de pessoas praticantes de “magia negra”. O Blog TV Web Sertão, que publicou uma “cobertura completa” em seu site, comemorou o recorde de acessos na semana, ainda durante as revoltas populares.⁷

No noticiário da TV Jornal, afiliada do SBT no Estado do Pernambuco, a repórter Nayara Vila Nova⁸ afirma insistentemente que “há informações de que os suspeitos são pais de santo”, mas não aponta sequer uma fonte para as mesmas. Interessante é que, no vídeo, enquanto os saques ainda aconteciam, a repórter exibia para a câmera as fotografias roubadas das casas, indicando que estava participando ou, no mínimo, se associando aos saqueadores no assalto às casas. O mesmo acesso privilegiado parece ter sido concedido aos autores dos blogs “TV Web Sertão” e “Agreste Violento”, entre outros.

⁶www.blogtvwebsertao.com.br/2012/07/veja-aqui-cobertura-completa-realizada.html

⁷www.blogtvwebsertao.com.br/2012/07/veja-aqui-cobertura-completa-realizada.html

⁸ “População em BMD revoltada com o assassinato do menino Flanio”, http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&NR=1&v=gCAJ_PfOQ00

O sacrifício na filosofia Yorubá⁹

*Èni tó rúbo ni Èsù ú gbé.
(Exu só ajuda aos que oferecem
sacrifício - Ditado Yorubá)*

Exu, a divindade Yorubá tão mal referenciada e mal compreendida pelo cristianismo há centenas de anos, é um dos principais Orixás do panteão africano e dos países da Diáspora. É dele a função de manter o equilíbrio entre as forças naturais do universo. E, para tanto, como o ditado acima afirma, é necessário se ofereça sacrifícios para este (e não só para este) Orixá.

Infelizmente, devido à tentativa deliberada de antigos missionários cristãos de distorcer a teologia Yorubá, a grande

⁹ Muitos são os troncos das religiões africanas e da diáspora, que dependem de suas nações e tribos durante os anos prévios à ocupação do continente pelos Europeus, como bantu, yourubás etc. Neste texto, tomaremos como base a filosofia e as práticas das nações vindas do tronco linguístico e cultural Yorubá, que compreende a atual Nigéria e países fronteiriços.

maioria das pessoas simplesmente relaciona sacrifício na cultura Yorubá com sacrifício sanguíneo. Objetivamente, o ponto é que o sacrifício na cultura Yorubá é um código de comunicação entre as dimensões naturais e sobrenaturais do cosmos. É fundamentado no princípio da troca, que, para trazer mudanças positivas na vida das pessoas, ela/ele devem abandonar algumas coisas¹⁰. O significado básico do sacrifício, então, é o da renúncia, abstinência, ou o de deixar de fazer alguma coisa para a obtenção de alguma outra.

Obviamente, e como era de se esperar na linguagem, a palavra sacrifício possui muitas camadas de significados, bem como todos os outros conceitos Yorubás. Então, além de ser um código de comunicação, também é referenciado como comida para os Orixás, como um ato social, uma forma de arrependimento ou uma garantia contra os infortúnios.

Consideremos por exemplo o campo da significação em que sacrifício é compreendido como um ato social. No Òwórín Méjì, o sexto capítulo do Tomos de Ifá da Adivinhação, nós vemos o seguinte poema:

*“Agbóngbón-a-princesa/príncipe-da-vizinhança-de-Ìlorèé”,
“Agbóngbón-a-princesa/príncipe-da-vizinhança-de-Jèsá”,
“O-velho-robusto-e-sagaz”.
“O-que-foi-seguramente-amarrado-com-cordas”.
Estes eram os nomes daqueles da prática divinatória que
adivinham para Olóòyìmèfún,
Quando ela/ele iria estabelecer um roçado num pedaço de
terra que pertencia a Olówu.*

¹⁰Para uma análise detalhada da noção de sacrifício, veja: Abimbólá, W. The notion of sacrifice in Yorubá Religion em D.W.Fern (org.), Restoring the Kingdom. ova lorquer:, Paragon Press:1984.

Ela/ele foi aconselhada a oferecer sacrifícios aos seus familiares ancestrais,

Ela/ele ofereceu sacrifícios para seus familiares ancestrais.

Seus sacrifícios não puderam ser entregues apropriadamente.

Ela/ele foi aconselhada a oferecer sacrifícios à divindade do mercado

Ela/ele o propiciou à divindade do mercado,

Seus sacrifícios não foram aceitos.

Ela/ele foi aconselhada a oferecer sacrifícios À sua divindade pessoal, seu Orí,

Ela/ele ofereceu sacrifícios para seu Orí,

Até que ficou careca.

Ela/ele foi aconselhada a oferecer sacrifícios à deusa Terra,

Ela/ele o propiciou à Terra

A Terra afundou

Ela/ele foi aconselhada a oferecer a Olúbòbòtiribò o mais importante de todos os sacrifícios.

Ela/ele disse:

“Eu sei que minha cabeça física é o símbolo da minha divindade pessoal,

eu sei que a terra é o símbolo da deusa Terra.

Eu sei que meu pai é referenciado como o meu Ancestral familiar.

Eu também sei que minha mãe é quem vocês tem chamado de divindade do mercado.

Mas eu não sei o que é Olúbòbòtiribó, o mais importante de todos os sacrifícios.

As/os sacerdotes de Ifá responderam:

“A boca das pessoas é o que é chamado Olúbòbòtiribò, o mais importante de todos os sacrifícios.”

*O que nós propiciamos em Ifè?
Suas bocas,
Suas bocas são o que propiciamos em Ifè.
Suas bocas.
Eu dou à cabaça,
Eu dou ao prato.
Suas bocas
Eu me preocupo com o bem estar de meus hóspedes
Eu me preocupo com o bem estar dos transeuntes.
Suas bocas.
Suas bocas já não podem mais ser contra os meus
interesses.
Suas bocas.
Suas bocas.
É o que nós propiciamos em Ifè.
Suas bocas.*

Neste poema, a pessoa chamada Olóòyìmèfún só conseguiria ter sucesso como um fazendeiro depois de oferecer sacrifícios às pessoas. Quando esse poema é usado como base para a consulta de alguém que foi a procura de um adivinho, a pessoa será aconselhada a ser mais altruísta em seu modo de vida. Àquela pessoa será aconselhado que convide seus vizinhos, amigos e familiares para uma refeição em casa, a ser mais atencioso com o bem estar de seus hóspedes e para abandonar seu modo de vida egoísta. O sacrifício efetivo neste poema, então, é a característica da pessoa: qualquer um que viva numa sociedade de indivíduos precisa ser menos egocêntrico em seu dia a dia.

Uma explicação mais detalhada que é importante de se fazer neste ponto é em relação ao sacrifício de sangue. Muito embora Yorubás possam servir animais e plantas como oferendas para suas divindades, a maior parte dessas oferendas será cozida e

servida as pessoas que participaram dos rituais. Porém, a despeito do fato de que o Ifá, o Cãnone Sagrado da Religião Yorubá, deixa explícito que seres humanos não devem ser oferecidos como sacrifícios, em justaposição ao fato de que ninguém nas terras Yorubás ou na diáspora ofereçam humanos em sacrifício aos seus deuses e deusas, é comum acusarem as religiões Africanas (Yorubás incluídos) de oferecerem sacrifício humano a seus Orixás.

O torso de Adam

Èlèèkẹta tàásó orí rẹ a móṣ jé Àgbàbó ò jòńbí.

(A proteção é maior a uma mesma linhagem - Òwónrín Ìrẹtẹ)

Em seu livro *Yorùbá Culture: a Philosophical Account*, Kola Abímbólá apresenta o exemplo conhecido no Reino Unido como “O caso do torso Adam”¹¹. O corpo de um garoto decapitado e com os membros amputados (chamado de Adam pelos policiais) foi encontrado no Rio Tâmisa próximo à Tower Bridge, em Londres, em Setembro de 2001. Devido a alguns objetos encontrados junto ao cadáver, a polícia suspeitou que o garoto havia sido vítima de algum ritual mórbido. Evidências de DNA indicavam que o garoto vinha de algum lugar a sudoeste da Nigéria. Em 2001, a principal teoria que a polícia adotou em sua investigação era de que o garoto havia sido sacrificado para alguma divindade Yorubá.

¹¹ ABÍMBÓLÁ, Kólá - *Yorubá Culture: A Philosophical Account*, Birmingham, 2006:Iroko Academic Publishers

À época, o senhor Kola Abímbólá era um Professor de Religião na Temple University, em Pasadena, EUA, e a polícia britânica o contactou para fazer algumas perguntas sobre o significado de alguns itens encontrados na cena do crime. Apesar da sugestão do professor de que uma melhor linha de investigação seria procurar por algum motivo não religioso para o crime, a polícia, e principalmente a mídia britânica, continuaram a especular ligações com a religião Yorubá por quase dois anos. Alguns jornais da época chegaram a dizer que a criança havia sido oferecida em sacrifício para a deusa conhecida como Oxum. Essa sugestão seria um oximoro, e portanto nem deveria existir! Oxum é uma das divindades Yorubás mais populares e é conhecida em todo o mundo como o Orixá que abençoa as pessoas com filhos e as crianças. Além, há muitas referências para o fato de que sua casa esteja sempre cheia de crianças, quase um orfanato. Além, todos os anos, milhares de pessoas peregrinam para a cidade de Osogbo na Nigéria para prestar reverências e venerar a Oxum - e muitos vão apenas para pedir que consigam ter filhos. Ainda assim, Oxum foi a divindade para qual a mídia britânica sugeriu que Adam foi sacrificado.

Foi apenas em Julho de 2003 que a polícia foi capaz de solucionar esse crime. Descobriu-se que Adam era de outra parte da Nigéria (ele era de Benin, uma parte não Yorubá da Nigéria), e, mais importante, descobriu-se que os seus assassinos faziam parte de uma quadrilha de tráfico de pessoas e de fraudes relacionadas a imigrações. Dez anos depois, foi descoberta sua identidade e a confirmação do fato: o menino foi levado por seus pais da Nigéria para a Alemanha, porém os pais foram extraditados na chegada. Uma senhora que ficou com a criança a entregou dias depois a um dos traficantes de pessoas, que o levou a Londres e entregou ao terceiro envolvido, este o assassino. Adam foi vítima de sequestro por uma quadrilha internacional profissionalizada no

tráfico de pessoas, e pode ter sido morto por tentar fugir, por falar com alguém ou por qualquer motivo. A remoção da cabeça e dos membros visivelmente foi uma tentativa de dificultar a identificação do garoto, fato que só aconteceu 10 anos depois. Mesmo assim, após todo esse tempo, a mídia ainda sugere que o menino foi assassinado em um ritual Yorubá!¹²

O ponto mais simples aqui é que o sacrifício humano é terminantemente proibido pelo Ifá, os Cânones Sagrados da Religião Yorubá, e dessa forma qualquer um que se envolva em tal ato não o estaria fazendo em nome do Orixá. Um poema de Ifá aponta para a proibição do sacrifício humano:

*“De-Eléré-nasceu-Éjió”,
“De-Ànánù-nasceu-Olòtò”,
“De-Olòtò-nasceu-Olomo”,
“Olomo-é-a-criança de Òsà”.
“O-Perspicaç”,
“Aquele-que-faz-as-coisas-de-formas-extraordinárias”
Todos eles eram sacerdotisas/sacerdotes de Ifá,
Que adivinhava para Olòtò
Quando sua casa já não mais prosperava.
Ifá proclamou:
Olónìímoró,
Aceite roedores em seus sacrifícios,
Não aceite humanos.
Cura nossas doenças sem gerar sofrimento.
Olomo é a criança da divindade Òsà.
Olónìímoró,
Aceite peixes em seus sacrifícios,
Não aceite humanos.*

¹² <http://www.thesun.co.uk/sol/homepage/news/3496737/Thames-torso-boy-identified-after-10-years.html>

*Cura nossas doenças sem gerar sofrimento.
Olomo é a criança da divindade Òòsà.
Olónìímoró,
Aceite animais não-humanos em seus sacrifícios,
Não aceite humanos.
Cura nossas doenças sem gerar sofrimento.
Olomo é a criança da divindade Òòsà.*

Neste poema, Olótò, (o Administrador de uma ilha chamada Òtò, nas Lagoas Lagos) foi questionado a oferecer um sacrifício humano. Para assegurar que não seria um dos cidadãos da ilha, foi instaurada uma lei, determinando que o primeiro estranho que entrasse na ilha seria capturado para ser sacrificado. Infelizmente, para Olótò, a pessoa capturada foi seu próprio filho, cujo nome era Olomo. Seu filho, que vivia com parentes em uma outra ilha, havia voltado para casa sem avisar.

No momento em que o suposto estranho foi capturado, seu rosto estava coberto completamente e ele não poderia ser reconhecido por quem fosse executar o ritual. Olomo logo percebeu que seria sacrificado e começou a entoar um canto conhecido que traçava sua linhagem ancestral. A canção são as primeiras 4 linhas do poema. Nas 3 primeiras linhas, Olomo traça sua linhagem, e na 4ª linha enfatiza que ele, assim como todos os outros seres humanos, são filhos de Òòsá (ou Orixá). Òòsá, no contexto, se refere a Obàtálá, também conhecido como o Senhor da Roupa Branca. Todas as criaturas naturais são tidas como filhas de Obàtálá pois na teologia Yorubá, foi Obàtálá que moldou todas as formas naturais. Como resultado da cantoria de Olomo, uma mensagem foi enviada para o palácio de Olótò. Ele descobriu seu erro e não sabia o que fazer. Imediatamente enviou um mensageiro para a cidade sagrada de Ilé-Ifè para pedir ajuda. Nervoso com o fato que humanos estavam sendo sacrificados em algum estado

Yorubá, o Governador de Ilé-Ifè (também conhecido como Olófin, “O que dita as Leis para o Mundo”) decretou que, a partir dali, nenhum humano jamais deveria ser oferecido em sacrifício para nenhum deus Yorubá.

Existem várias formas de traduzir esse poema, sendo duas delas pertinentes para nós: discutiremos pelos pontos de vista histórico e teológico. Poderemos adotar um ponto de vista histórico e chegar à conclusão de que esta é uma documentação do fato de que em algum momento da história Yorubá foi proclamado a proibição do sacrifício humano. E que Olófin fez essa proclamação há alguns milênios, durante os primeiros estágios do desenvolvimento da religião. Numa segunda interpretação desse poema, poderia se dizer que ele expressa as atitudes teológicas Yorubá em relação ao sacrifício humano: este não é e nunca foi sancionado por sua religião. De acordo com esta interpretação, o sacrifício humano sempre foi repugnante para a religião Yorubá. E em suas práticas religiosas, poderíamos assumir que os Yorubás nunca praticaram o sacrifício humano. Como explicação, a proibição explícita do sacrifício humanos em seus Cânones Sagrados. Qualquer que seja a interpretação adotada, o ponto crucial é que na religião Yorubá, o sacrifício humano é expressamente proibido. Vale notar que esse não é o único poema de Ifá em contém explicitamente a proibição ao sacrifício humano.

Como já foi explicado, sacrifício sanguíneo não está no cerne do que o povo Yorubá entende por sacrifício. Sacrifício é melhor visto como um código de comunicação; é uma forma de troca em que a pessoa se comunica com o universo supernatural da existência. Porém, como notado no poema sobre Olòyìmèfún, sacrifício não deve ser um contrato em que a pessoa simplesmente compre seu caminho para o céu. Como é indicado

no poema, o caráter moral é de crucial importância. Até por isso, existe o ditado Yorubá: “Ìwá Ièsìn”, que significa, “Um bom caráter é a essência da religião”.

Alagoas e o Quebra de Xangô

*Enikan kî í gbìmòràn / K'ó yo t'esèé 'lè
(Ninguém realiza nada/Se não tiver pernas
- Òtúúrúpòn Méji)*

Em 1911, Hermes da Fonseca, sobrinho do Marechal Deodoro da Fonseca, era o então presidente do Brasil. Em Alagoas, o Governador Euclides Malta comandava há 12 anos o Estado, juntamente com o Partido Republicano Conservador. Euclides Malta era um advogado que ascendeu política e socialmente ao casar-se com a filha do Barão de Itaipu, ligado à monarquia, e representava a transição entre este regime e a recente adotada República. À medida que se envolveu com a política se transferiu pra capital e, ao conquistar a posição de governador, distanciou-se gradativamente do sogro, e tornou-se proprietário do jornal A Tribuna. Pelo jornal, passou a divulgar o expediente do Palácio do Governo e as notícias que lhe interessavam para manutenção de seu poder. Em 1909, esse poder começou a ser abalado por Fernandes Lima, grande proprietário rural ligado a advogados,

elite econômica, fazendeiros e até proletários. Esta classe política começou a organizar, no final de 1911 - como Liga dos Republicanos Combatentes - ações para a derrota política do então governante. Às vésperas das eleições governamentais daquele ano, os candidatos da oposição - Clodoaldo da Fonseca para governador e Fernandes Lima para vice - acusaram o oligarca de utilizar “feitiçarias” dos Xangôs (como eram e ainda são conhecidos os terreiros de candomblé em Alagoas) para se manter no poder. Na campanha da oposição foram atribuídos ao então governador adjetivos como “Soba da Mata Grande”, “Leba” e “papa do xangô alagoano”. Por esta suposta ligação às práticas religiosas de origem africana, Euclides Malta foi desmoralizado perante a sociedade alagoana e derrotado no processo eleitoral.

Então, a noite de 1º de fevereiro de 1912 culminou com a invasão e destruição dos principais terreiros de Xangô da capital Maceió por elementos populares capitaneados pelos sócios da Liga dos Republicanos Combatentes. Essa associação, constituída por uma maioria de operários, era liderada pelo tenente reformado do exército, veterano da guerra de Canudos, Manoel Luiz da Paz. Nesta fatídica noite foram destruídos paramentos e utensílios religiosos e espancados sacerdotes e filhos de santo. Diversos objetos sagrados, utensílios e adornos, vestes litúrgicas e instrumentos utilizados nos cultos foram levados em procissão de escárnio e algazarra, percorreram a cidade, e tiveram como destino uma grande fogueira em via pública. A ação violenta se estendeu às cidades circunvizinhas. A consequência foi a dispersão de ialorixás e babalorixás, afetando a continuidade da expressão afro religiosa no estado do Alagoas. Alguns poucos terreiros seguiram suas práticas, mas às escondidas, em silêncio.¹³

¹³ http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Quebra_de_1912

As acusações ao Governador de se relacionar com os Xangôs foram veiculadas, principalmente, no periódico oposicionista *Jornal de Alagoas*. Neste, na série de matérias intituladas “Bruxaria” - publicada nos dias seguintes ao episódio também conhecido como “Operação Xangô” - a suposta relação de Euclides Malta com os Xangôs aponta a Yalorixá Tia Marcelina como sua “feiticeira” protetora. Segundo as referidas reportagens, o “nefasto governo” de Euclides Malta e as ditas “casas de feitiçaria barata” que, segundo o periódico, se encontravam extremamente difundidas pela cidade de Maceió, se relacionavam “na mais estreita afinidade”¹⁴. A acusação à oligarquia Malta de utilizar feitiçaria para se manter no poder desencadeou na sociedade alagoana uma violência contra as referências de matriz africana. A oposição sabia que esse argumento ecoava negativamente na população: afinal, essa era uma população secularmente preparada para não gostar de suas referências, para se envergonhar dessas referências, para querer esconder sua africanidade.¹⁵

Este foi claramente um ato político que refletiu negativamente até os dias atuais. Em função disso, em 1º de Fevereiro de 2012, foi preparado pelo governador do Estado Teotônio Vilela Filho um pedido de perdão oficial do Governo de Alagoas a todas as comunidades de terreiros de Alagoas pelas atrocidades que marcaram o dia 1º de fevereiro de 1912. A assinatura foi feita no final de um cortejo popular, que passou por diversos locais a destacar a Praça D. Pedro II, Rua do Sol e Praça dos Martírios, considerados importantes pontos de confluência de terreiros de Maceió.

¹⁴ <http://aquiacontece.com.br/noticia/2012/01/30/motivacao-politica-e-racismo-destroem-terreiros-afros>

¹⁵ <http://pt.scribd.com/doc/97042224/023-xango>

No pedido de perdão, o Governador do Estado afirma¹⁶:

“Segundo a opinião de estudiosos de todo o Brasil, as casas de cultos afro-brasileiros, além da importância dada pela sua prática específica - a do culto religioso -, funcionam também como verdadeiros celeiros de criatividade e cidadania, a exemplo de tantos outros cultos de matizes religiosos distintos. Os territórios das crenças são espaços de vida comunitária abertos às diferenças de toda ordem. Nesses perímetros, no caso dos cultos afro-brasileiros, aprende-se desde cedo o respeito aos idosos, portadores de saberes herdados de seus ancestrais. Também se aprende o respeito às crianças, patrimônio de toda a comunidade e, por isso, responsabilidade de todos. E o mais importante, aprende-se a ter orgulho de si mesmo, pelo desenvolvimento de um forte sentido de integrar um grupo cultural maior, seja Nagô, Angola, Gêge ou as muitas outras nações que formam a riqueza das religiões africanas.”

E, mais à frente, salienta que:

“Assim, o ciclo de atentados perpetrados em 1912 contra as casas de cultos afro-brasileiros pode ser visto como um atentado contra a autonomia do povo alagoano para construir uma identidade afirmativa de seu protagonismo, de sua efetiva presença na construção de uma Alagoas democrática. Se considerarmos que a maior

¹⁶ <http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticias/confira-o-discurso-do-governador-teotonio-vilela-durante-o-evento-que-marcou-os-100-anos-do-quebra-1>

potencialidade de qualquer sociedade se encontra justamente na força e criatividade de seu povo, podemos afirmar, sem qualquer dúvida, que o evento do “Quebra” resultou em inquestionável prejuízo ao nosso progresso enquanto sociedade (...). Os atos verdadeiramente terroristas perpetrados pelos membros sectários dessa entidade (Liga do Combatentes Republicanos), como indicam as fontes históricas ainda muito pouco divulgadas, tiveram o beneplácito de lideranças destacadas da sociedade alagoana e teriam sido incentivados pela disputa do poder político estadual.”

“Nós estamos apenas lutando”

*Olóòótó tí ñ be láyé ò pógún
(Verdadeiros homens não são mais que
vinte na Terra - Ejì-Oye)*

Alguns pontos dessas histórias são dignos de serem notados, e os descreveremos aqui como tópicos, apenas para que sirvam de bases para a reflexão de nosso leitor:

- Em Brejo de Madre de Deus, o motivo da revolta contra os terreiros se deu pelo fato de terem sido encontrados na cena do crime utensílios semelhantes aos usados em rituais de comunidades tradicionais, além de fotos, anotações e outros objetos furtados das casas saqueadas pela população. De acordo com o diretor do Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial de Pernambuco, José Arruda, nas caminhadas de terreiro "não há registros daquela comunidade" (onde os acusados

seriam mães ou pai de santos).¹⁷ Os acusados não afirmaram serem adeptos da umbanda ou do candomblé.

- Segundo as últimas informações divulgadas pela polícia, a suspeita é de que exista uma quinta pessoa que encomendou o assassinato e pode ter participado do ato. Identificado pela criminosa confessa como um “pai de santo”, o foragido não teve seu nome ou sua imagem divulgada pela polícia, tornando impossível verificar a veracidade do cargo religioso que lhe é atribuído.
- Mesmo depois das declarações do delegado de Brejo de Madre de Deus em que destacava não haver nenhuma relação entre o crime e as religiões de matriz africana¹⁸, nenhum dos blogs ou canais de TV observados publicou nenhuma nota de esclarecimento a respeito das falhas da cobertura e mantiveram sua posição - errônea - de relacionar o crime com os cultos afro indígenas do Brasil;
- No crime londrino, mesmo com todas as evidências de que o sequestro, assassinato e esquartejamento do menino “Adam” foi executado por uma quadrilha de traficantes de pessoas e o caso já ter sido considerado encerrado pela Scotland Yard, o jornal The Sun ainda explorou ainda mais o episódio, dez anos depois¹⁹;
- Nas atrocidades cometidas em 1912 no Alagoas é fato que os atos de intolerância religiosa se inserem nas disputas

¹⁷ <http://reporteralagoas.com.br/novo/?p=23674>

¹⁸ <http://agresteviolento.blogspot.com.br/2012/07/monstros-que-mataram-e-arrancaram.html>

¹⁹ <http://www.thesun.co.uk/sol/homepage/news/3496737/Thames-torso-boy-identified-after-10-years.html>

políticas, eleitorais ou não, e devem ser discutidas nesse contexto. A intolerância de credo (bem como a intolerância sexual, de raça, de classe social etc) é uma ferramenta utilizada como arma para ações políticas, e toda forma de difusão dessa intolerância deve ser investigada como parte de estratégias para tomada e manutenção do poder;

- Importante notar, nos casos apresentados, o papel crucial dos meios de comunicação como estopim para as ações violentas contra o direito universal de crença.

Desejamos os melhores fortúnios

“Toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.”

(artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos)

A Yalorixá Lúcia de Oyá T’ogun, coordenadora geral do Conselho Estadual de Direitos Humanos de Pernambuco, afirmou, em entrevista, que “o que se convencionou chamar de intolerância religiosa é, na verdade, um desrespeito ao direito à religiosidade”. Essa afirmação coloca o debate em outro patamar, indo além da identificação e crítica de fatos isolados. Avança para uma investigação sobre os interesses que cercam essas práticas. Porque a violação do direito de todos está sempre ligada ao fortalecimento dos privilégios de alguns. É preciso debater

porque e a quem interessa a criminalização das religiosidades de matriz africana e suas vertentes brasileiras.

Podemos afirmar que religiões como umbanda, candomblé, jurema sagrada, dentre outras que partem das mesmas matrizes afro indígenas, são normalmente invisíveis à cobertura midiática dos grandes e pequenos meios, a não ser no caso de veículos que pertencem ou tem proximidade com as comunidades de terreiro, em casos raríssimos. A exposição vem, muitas vezes, de forma caricaturesca ou através de acusações baseadas em informações parcas e intenções sensacionalistas, como vimos nos casos citados.

Enquanto isso, representantes de vertentes religiosas cristãs possuem suas próprias redes de comunicação (como é o caso da rede Vida, de orientação católica)²⁰, ou ocupam espaços privilegiados em grandes redes de TV através do arrendamento de blocos de tempo. O processo, tido como ilegal por se configurar em uma subconcessão concedida sem participação do Estado ou da sociedade, esteve prestes a se tornar proibido por decreto do Ministério das Comunicações, com reação imediata da bancada evangélica²¹. A resposta não veio por acaso: levantamento realizado pelo Coletivo Intervezes mostra que as igrejas evangélicas são responsáveis pela maior parte dos casos de arrendamento de outorgas de serviços de radiodifusão. O coletivo afirma, dentre outras coisas, que “a Rede Record tem no mecanismo a principal forma de sustentação, por meio da transferência de recursos da Igreja Universal do Reino de Deus

²⁰ <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2011/06/21/senado-homenageia-16-anos-da-rede-vida>

²¹ <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/isso-e-uma-manifestacao-autoritaria-diz-lider-evangelico/>

para a emissora.”²² Pelo poder econômico, os representantes dessas comunidades religiosas ampliam seus espaços nos canais de televisão, rádio e outras mídias, subvertendo a legislação do setor. Interessante seria se todas as vertentes religiosas pudessem dispôr de seu espaço, com suas comunidades exercendo o direito à comunicação em canais garantidos para isso, ao mesmo tempo em que seja combatido o abuso econômico. Ao contrário, a laicidade do Estado se enfraquece enquanto o Governo se omite. Logo após o vazamento da minuta do decreto supracitado, o Ministro das Comunicações negou a possibilidade da proibição das subconcessões por ato do Executivo²³.

Em um País onde a Carta Magna determina um Estado laico, coibir atos de intolerância, garantir o direito à religiosidade e à sua expressão para toda a sociedade, e corrigir aberrações jurídicas como as subconcessões de outorgas públicas na comunicação deveriam ser prioridades. Também urge a necessidade da responsabilização de profissionais e empresas que, com suas produções, incitam o ódio religioso através da divulgação de informações falsas e do uso do sensacionalismo como mecanismo para conquistar audiência. As concessões públicas para radiodifusão devem ser fiscalizadas para garantir o cumprimento da Constituição Federal e dos tratados internacionais que determinam a garantia da diversidade religiosa pela cultura do respeito entre as diversas comunidades, com oportunidades iguais de culto e de expressão.

Olinda, Novembro de 2012

²² <http://www.intervozes.org.br/noticias/arrendamento-ja-e-irregular-e-deve-ser-coibido>

²³ <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1100073-ministro-nega-que-decreto-proibira-aluguel-de-horario-na-tv.shtml>